



Evelyn Cristine Santos Telles

A IMPORTÂNCIA DA MUSICOTERAPIA NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS COM  
TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO COM HIPERATIVIDADE (TDAH).

Rio de Janeiro

2024

Evelyn Cristine Santos Telles.

A IMPORTÂNCIA DA MUSICOTERAPIA NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS COM  
TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO COM HIPERATIVIDADE (TDAH)

Qualificação de monografia apresentado à Escola  
Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação  
Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito  
parcial para aprovação no Curso Técnico em Análises  
Clínicas.

Orientador(a): Reinaldo Santos de Oliveira Souza

Coorientador(a): Renata Reis

Rio de Janeiro

2024

## RESUMO

O objetivo geral desta pesquisa é compreender como a musicoterapia pode colaborar para processos de aprendizagem de crianças com TDAH. Os objetivos específicos são: descrever o que são o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade; descrever o que é musicoterapia. Essa pesquisa se baseia em uma abordagem qualitativa a partir da revisão bibliográfica sobre o assunto. Nossa base de dados serão as pesquisas publicadas nos sites da União Brasileira das Associações de Musicoterapia (UBAM) , Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música (ANPPOM), e da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM) , entre outros. Nosso recorte temporal compreenderá publicações feitas entre 2019 e 2023. A musicoterapia é um híbrido entre música e saúde, em que os métodos utilizados podem ser o receptivo, ativo ou uma combinação de ambos. A musicoterapia oferece vivências musicais às crianças com TDAH, possibilitando uma melhora na interação intra e interpessoal, além de poder colaborar para o desenvolvimento de habilidades intelectuais e emocionais. O diagnóstico do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade é complexo e deve ser realizado por uma equipe multidisciplinar, incluindo famílias, professores, neurologistas, fonoaudiólogos e psicólogos.

Palavras-chave: Musicoterapia, TDAH, Educação

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
2. OBJETIVOS	12
2.1. OBJETIVO GERAL	12
2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	12
<b>4.. METODOLOGIA</b>	12
<b>5. CAPÍTULO 1</b>	12
<b>6. CAPÍTULO 2</b>	15
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	18
<b>8. REFERÊNCIAS</b>	21

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho busca compreender a importância da musicoterapia para crianças portadoras ou suspeitas de diagnóstico de TDAH. O transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) é um transtorno neurológico de origem genética, caracterizado por falta de atenção, inquietação e impulsividade. O TDAH é uma síndrome heterogênea de etiologia multifatorial, dependente de fatores genéticos familiares, e é caracterizado por um desempenho inadequado dos mecanismos que regulam a atenção, reflexão e atividade motora.

Segundo Pró - vida (2018), a musicoterapia é uma combinação de música e saúde que ajuda na comunicação, expressão e aprendizado. As abordagens utilizadas incluem improvisação, audição, composição e recriação musical.

A musicoterapia pode contribuir com uma melhora para as crianças com TDAH. Uma melhora na interação intrapessoal e interpessoal, do comportamento e estimular à participação em grupos, de acordo com a abordagem utilizada pelo musicoterapeuta. A musicoterapia pode auxiliar no desenvolvimento de habilidades e proporcionar benefícios intelectuais e afetivos (SANTOS, CRUZ, BARBOSA, LIMA, OTUTUMI, ALVES, 2022).

Desde criança, sempre gostei muito de música. De um tempo para cá, venho gostando ainda mais, pois observei que minha sobrinha, que tem dificuldades para desenvolver sua fala e que foi diagnosticada com autismo e tem suspeita de diagnóstico de TDAH, vem apresentando uma significativa melhora após ter contato regular com aulas de música e sessões de musicoterapia na escola, onde cursa atualmente o nível 3 da Educação Infantil. Na escola onde ela estuda, a música é utilizada como base em atividades educacionais.

Para SILVA (2020, p. 9), o diagnóstico de TDAH é complexo e deve ser realizado por especialistas em saúde mental, que na maioria das vezes é composta por psicólogo, neurologista e fonoaudiólogo, podendo incluir também familiares e professores.

Os diagnósticos, neurologistas e fonoaudiólogos, para juntos chegarem ao diagnóstico e decidirem o melhor tipo de tratamento TDAH é complexo e deve ser realizado em equipe, com a colaboração da família, professores. (SILVA, 2020, p. 9).

## **OBJETIVOS**

### **1.1.1. OBJETIVO GERAL**

Compreender como a musicoterapia pode colaborar para os processos de aprendizagem de crianças com TDAH.

### **1.1.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- 1) Descrever o que é Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH).
- 2) Descrever o que é musicoterapia.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa será baseada na abordagem qualitativa e utilizará a revisão bibliográfica como estratégia, por meio de buscas nas bases de dados da União Brasileira das Associações de Musicoterapia (UBAM), Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM) e Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música (ANPPOM), que têm o objetivo de congregar profissionais e organizar, sistematizar e sedimentar um pensamento crítico sobre a pesquisa e a atuação nas áreas de musicoterapia e educação musical respectivamente. Serão utilizados como descritores: musicoterapia, TDAH e crianças. Para o recorte temporal, serão consideradas apenas as publicações ocorridas entre os anos de 2019 e 2023. Após a leitura dos artigos, será feita uma seleção com base na leitura dos títulos, introdução e considerações finais dos textos que estejam em consonância com nossa investigação para compor a base de dados e fundamentação.

## CAPÍTULO 1 - O QUE É TDAH?

O TDAH é uma síndrome heterogênea de etiologia multifatorial, dependente de fatores genéticos familiares, e é caracterizado pela presença de um desempenho inadequado nos mecanismos que regulam a atenção, a flexibilidade e a atividade motora.

Segundo Marília Piazzini (2010, p. 335) o TDAH “é um transtorno neuropsiquiátrico que é diagnosticado ainda na infância, persistindo até a fase adulta em cerca de 60 a 70% dos casos. Acomete de 3 a 5% das crianças, sendo mais comum em meninos do que em meninas”.

As primeiras aparições do que conhecemos como transtorno de déficit de atenção e hiperatividade são observadas a partir do século XVII pelo médico Alexander Crichton. Ele divulgou uma publicação chamada *On Attention and its Diseases*<sup>1</sup>, em que descreveu uma condição caracterizada pela incapacidade de prestar atenção em qualquer coisa, acompanhada por uma inquietação que foi chamada de ‘inquietação mental’, (CASTRO,2024).

No campo da pediatria, um dos primeiros a adotar uma abordagem clínica foi George Frederic Still. Em 1902, ele descreveu um padrão de comportamento em crianças que demonstravam desatenção e não controlavam seu comportamento. Inicialmente, esse comportamento foi descrito como um defeito no controle moral e, posteriormente, associado a uma doença neurológica. Com o tempo, o quadro de desatenção e impulsividade foi associado à encefalite letárgica, que ocorreu durante uma epidemia entre 1917 e 1928. Os afetados apresentavam alterações cognitivas e comportamentais, como mudança de personalidade e instabilidade emocional(CASTRO,2024).

Entre as décadas de 1930 e 1950, a comunidade médica deu ênfase aos sintomas de impulsividade e hiperatividade em detrimento das manifestações cognitivas, e o termo foi alterado para ‘síndrome hipercinética’, o que descrevia crianças que não conseguiam ficar paradas(CASTRO,2024).

Já em 1960, iniciaram-se os trabalhos de Stella Chess, e a condição começou a ser chamada de ‘síndrome da criança hiperativa’. Em 1968, essa condição foi incluída pela primeira vez no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-II), com o nome de ‘reação hipercinética’(CASTRO,2024).

---

<sup>1</sup> Sobre a Atenção e suas Doenças.

A dificuldade de manter a atenção sustentada e a falta de controle dos impulsos voltaram a ser reconhecidas em 1970. Na década de 1980, o manual de diagnóstico de transtornos mentais, em sua terceira versão, estabeleceu que a hiperatividade não é um critério de diagnóstico para o transtorno. Foi então que surgiu o termo transtorno de déficit de atenção (TDA), que poderia ser com ou sem hiperatividade(CASTRO,2024).

No início da década de 1990, o Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-IV), que é um manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais adotado pela associação americana de Psiquiatria (APA), cunhou o termo transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) e ampliou a classificação do transtorno em subtipos: desatento, hiperativo/impulsivo ou combinado(CASTRO,2024).

O TDAH é um transtorno neurológico de causas genéticas, caracterizado por sintomas como falta de atenção, inquietação e impulsividade. De acordo com a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas de Saúde, o TDAH está classificado na categoria de transtornos hipercinéticos, caracterizados por um início precoce e uma evolução crônica, ocorrendo durante os primeiros cinco anos de vida.

Segundo Luciana Brites (2024, n. p) “É comum que o TDAH esteja associado a outros transtornos. como o transtorno de conduta, manifestado por um padrão de agressividade e violações de regras importantes em casa e outros ambientes;” o transtorno de aprendizagem, em que a criança apresenta dificuldades em várias áreas de ensino, mesmo sem comprometimento da inteligência; o transtorno de ansiedade, as crianças têm medos e preocupações, como a ansiedade de estar sem os pais, medo da escola e de lugares com muitas pessoas; e o transtorno de depressão, as crianças estão mais propensas a desenvolver depressão infantil, sentindo-se tristes e sem esperança, e não gostando de se divertir.

Nem todas as crianças com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade conseguem se beneficiar da musicoterapia, mas existem outras alternativas de terapias, como a arteterapia, que utiliza práticas artísticas com o objetivo de trazer bem-estar às pessoas, permitindo que elas se conheçam melhor. A arteterapia utiliza as artes plásticas como meio de recuperar ou melhorar a saúde mental, com um objetivo semelhante ao da psicoterapia (WHITAKER,2017).

Um diagnóstico precipitado do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade pode levar a diversas consequências negativas, por exemplo o uso de psicoestimulantes. Para evitar um

diagnóstico errado é importante que ele seja feito por um médico especializado para isso, por exemplo o neurologista (WHITAKER,2017).

Isso é importante pois o estigma do TDAH pode afetar a autoestima, a saúde mental e as relações sociais, causando baixa autoestima, aumento do estresse, depressão, isolamento social e preconceito de pessoas.

Além disso, a pessoa pode utilizar as drogas psiquiátricas nas indústrias farmacêuticas, aumentando o uso de psicofármacos desde as últimas décadas. Existe uma desconsideração no caso do aumento das substâncias que dizem ser capazes de combater transtornos mentais.

A literatura especializada em farmácia indica que as drogas psiquiátricas alteram muitas vezes de formas irreversíveis podendo modificar o cérebro e daí vem a mudança de comportamento. Por exemplo, já foi constatado que alguns antidepressivos aumentam serotonina, já alguns bloqueiam a dopamina(WHITAKER,2017).

No lugar dos psicofármacos corrigir os desequilíbrios químicos do cérebro eles os provocam, resultando na mudança do comportamento, sensações e expressão. Alguns pesquisadores da área destruíram suas carreiras por apontarem os problemas desses medicamentos. Algumas pessoas infelizmente vieram a cometer o suicídio mesmo tomando antidepressivos.(Robert. 2017)

## CAPÍTULO 2 - O QUE É MUSICOTERAPIA?

A musicoterapia é compreendida como uma prática terapêutica que utiliza a música e os elementos musicais como o ritmo, melodia, harmonia, timbre dentre outros como ferramenta. Ela pode ser definida na atualidade como uma “ciência nova e que deve ser entendida como um híbrido transdisciplinar em torno de dois principais campos: a Música e a Terapia. Assim, ela pode ser vista como um processo terapêutico que acontece através de experiências musicais e das relações que se dão através destas experiências musicais” (Bruscia, 2000, p. 22; Chagas, 2008 apud Santos, M. L. dos; Cruz, P. H. C.; Barbosa, C. R.; Lima, D. P. de; Otutumi, L. K.; Alves, G.2022. pág 5).

A musicoterapia tem apresentado resultados importantes e concretos no tratamento de saúde. Atualmente, exames de imagem são capazes de detectar o funcionamento e os efeitos da música no organismo humano, conforme explica o fragmento a seguir:

o cérebro em funcionamento e os seus efeitos no ser humano são comprovados e demonstrados principalmente na área neurológica, como na Doença de Alzheimer, Parkinson e Esclerose Múltipla, além de seus efeitos e eficácia quando utilizada como uma forma de comunicação em pacientes em tratamento de doenças psíquicas ou emocionais (Barcellos, 2015. p. 7).

A música é bem estruturada, atraindo fortemente as mentes das crianças com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH). Segundo Palma, (2022), “sua mente anseia por um senso de organização, e cada música tem um começo, meio e fim claros, tornando-a previsível.”

A musicoterapia é um campo de conhecimento que estuda os efeitos da música no encontro entre o musicoterapeuta e as pessoas. A prática da musicoterapia objetiva favorecer o aumento das possibilidades de existir e agir, seja no trabalho individual, com grupos, nas comunidades, organizações, instituições de saúde e na sociedade, nos âmbitos da promoção, prevenção, reabilitação da saúde e transformação de contextos sociais e comunitários. (UBAM,2018)

Hoje, no Rio de Janeiro, na UFRJ, existe um curso de graduação em musicoterapia. Sua primeira turma ainda está em formação, pois o curso começou em 2019. Para fazer a graduação é preciso ser um músico competente e bem treinado, e uma pós-graduação no Conservatório Brasileiro de Música.

A Lei n. 14.842, de 11 de abril de 2024, regulamenta a atividade profissional do musicoterapeuta. De acordo com seu texto, o profissional de musicoterapia é aquele que utiliza a música para melhorar a vida, a saúde e a aprendizagem das pessoas. Podem exercer a profissão

somente os portadores do diploma de curso de graduação em musicoterapia, oficialmente reconhecido no Brasil ou no exterior; o portador do certificado do curso de pós-graduação *latu sensu* em musicoterapia, desde que concluído em até 24 meses após a publicação da referida legislação; e ainda o profissional que tenha comprovadamente atuado como musicoterapeuta nos últimos cinco anos.

Antes de existir um curso específico para musicoterapia, os músicos e profissionais da saúde mental usavam habilidades musicais ou contratavam professores de música para ajudar no trabalho. Atualmente, os musicoterapeutas são habilitados para desempenhar sua profissão no Brasil e realizam um processo terapêutico a partir da avaliação de cada paciente.

Na musicoterapia, existem diferentes abordagens. Podemos citar a abordagem receptiva, que é quando o paciente apenas escuta músicas executadas pelo musicoterapeuta ou gravações reproduzidas e a abordagem ativa, quando o paciente participa e cria músicas com o terapeuta, possibilitando dar forma a seus pensamentos, sentimentos e emoções. Há terapeutas que optam por combinar elementos dessas duas abordagens. Embora a musicoterapia ainda seja uma terapia pouco usada como instrumento de aprendizagem, ela pode ser utilizada para este fim em diversas faixas etárias e pode auxiliar no desenvolvimento do raciocínio e da criatividade.

A musicoterapia não é um processo simples e não se aplica a todos os casos. Cada pessoa tem sua história de vida e suas próprias características, cabendo ao musicoterapeuta escolher as abordagens que vão depender de paciente para paciente. A fase diagnóstica é quando o musicoterapeuta observa o paciente e vê como pode ajudar. Já no tratamento, o paciente interage com as ferramentas básicas da música, como os sons, a voz e os instrumentos musicais.

Estabelece um plano de cuidado e um processo musicoterápico a partir do vínculo e de avaliações específicas, atendendo às premissas de promoção da saúde, da aprendizagem, da habilitação, da reabilitação, do empoderamento, da mudança de contextos sociais e da qualidade de vida das pessoas, grupos e comunidades atendidas (UBAM, 2018, n.p.).

Como dito anteriormente, a musicoterapia é um conjunto de atividades organizadas envolvendo a música e seus elementos, que tem o intuito de ajudar no desenvolvimento pedagógico e no processo de tratamento de diferentes transtornos de saúde mental, auxiliando na redução do estresse, estimulando a aprendizagem, contribuindo para a efetiva inclusão escolar e social. A Musicoterapia, quando utilizada no ambiente escolar, pode ajudar no desenvolvimento físico, afetivo, social e emocional dos estudantes, colaborando para que possam se expressar, oferecendo

um espaço seguro para lidar com seus sentimentos e desenvolvimento de suas habilidades sociais. Na escola básica, pode ser aplicada de forma a contribuir para o desenvolvimento dos alunos, utilizando recursos sonoros e musicais para promover a saúde e aprendizagem. As sessões podem incluir atividades como cantar, tocar e até mesmo dançar, essa prática também ajuda na redução da ansiedade.

Algumas Organizações Não Governamentais (ONGs) também fazem uso da musicoterapia, que funciona como uma ferramenta de transformação de olhares e capacitação de seus agentes. Podemos citar o exemplo da Casa da Musicoterapia, que é uma ONG que desenvolve programas de voluntários e programas de estágio, que tem como objetivo capacitar agentes e transformar olhares. A musicoterapia quando aplicada nessas instituições pode ser um poderoso instrumento para apoiar comunidades e grupos vulneráveis, como refugiados ou pessoas vítimas de violência. Também pode ser utilizada em processos de reabilitação de dependentes químicos ou pessoas com problemas de saúde mental.

No Sistema Único de Saúde (SUS), a musicoterapia é oferecida como parte do Programa Nacional de Práticas Integrativas e Complementares. Seus atendimentos são realizados em ambulatórios de prevenção e reabilitação funcional na neuropediatria e nas unidades de internação. Ela pode ser integrada a diferentes unidades do SUS, incluindo hospitais, Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) e Programas de Saúde da Família, permitindo que uma grande quantidade de pessoas possa ter acesso a musicoterapia. Pode ser muito útil para pacientes com transtornos mentais ajudando também usuários com depressão, ansiedade, transtorno do espectro autista e TDAH.

O objetivo principal do SUS é garantir acesso universal aos serviços de saúde. A inclusão da musicoterapia dentro dessa rede ajuda a democratizar o acesso aos tratamentos complementares que podem ser muito benéficos para os usuários. Em hospitais, sabe-se que é uma prática terapêutica que utiliza a música para melhorar o bem-estar e a concentração dos pacientes e profissionais de Saúde. Além disso, ajuda no alívio da dor e na ansiedade, reduzindo a percepção da dor e aliviando a ansiedade antes de procedimentos médicos. As sessões podem induzir um relaxamento profundo, além de proporcionar um espaço para que os pacientes compartilhem seus sentimentos e experiências, ajudando no aspecto emocional.

Existem 5 diferentes métodos-base de conduzir uma sessão de musicoterapia: Método Benenzon; Método Nordoff-Robbins; Método de Imagens Guiadas e Música; Método de

Musicoterapia Analítica; e Modelo de Musicoterapia Behaviorista. Faremos uma breve descrição de cada um deles (JUNIOR,2023, p.27).

O método Benenzon foi desenvolvido pelo psicanalista Rolando Benenzon que é muito importante para a musicoterapia no Brasil. O profissional em musicoterapia pode trabalhar em muitos lugares, hospitais, clínicas, escolas dentre outros, o musicoterapeuta tem que ter um bom conhecimento musical, saber tocar instrumentos e cantar. O trabalho do musicoterapeuta é identificar qual conjunto sonoro é específico para o paciente e desenvolver seu trabalho em volta da identidade de cada paciente. O método Nordoff e Robinson é conhecido como um método crítico em que a criança participa ativamente da sessão. Durante seu atendimento é necessário ter 2 musicoterapeutas, enquanto um toca os instrumentos tendo como intuito estimular a criança a fazer algum tipo de som, o outro deve estar atento a todos os barulhos que a criança fizer. O método GIM (Imagens guiadas e música) trabalha com a integração entre imagens e música. O intuito é utilizar o imaginário e colocá-los em quadros, pinturas e retratos falados de suas emoções, as emoções sentidas durante a consulta. O método Analítico é utilizado nos sons, produzido pelos pacientes para descobrir informações que são guardadas no subconsciente de cada paciente. Todos os barulhos que são ouvidos durante as sessões de musicoterapia são guardados e analisados depois para o musicoterapeuta entender qual é a melhor conduta para conduzir a terapia. Por fim, o método Behaviorista, acredita que o comportamento do paciente pode ser modificado a partir de estímulos musicais. Se os pacientes se saírem bem durante as sessões, recebem recompensas musicais, que podem alterar sua forma de viver. Esse método é mais utilizado em pacientes que são mais agressivos (JUNIOR,2023. pag,28)

Com tudo isso podemos dizer que cada método e cada abordagem de musicoterapia são únicos, cada um tem seu caráter, podem ser parecidos mas são únicos, o musicoterapeuta é um profissional muito importante para a sociedade.

### **Conclusão:**

Esta pesquisa teve como objetivo compreender de que forma a musicoterapia pode colaborar para o desenvolvimento das crianças com o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade o TDAH indicando os possíveis tratamentos e diagnósticos do TDAH, além disso,

mencionando as abordagens e os métodos utilizados em sessões da musicoterapia, falando sobre sua regulamentação.

Também podemos ver neste trabalho que a musicoterapia ajuda sim as crianças com o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade na diminuição das crises comportamentais, na melhora dos relacionamentos interpessoais, melhora nas relações familiares.

A musicoterapia pode ser um tratamento alternativo para as crianças com o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, pode ajudar no controle dos impulsos, ajuda na concentração, habilidades sociais onde elas podem interagir com outras crianças ou até mesmo com a família e também pode ajudar nas habilidades motoras.

Podemos falar sobre as melhoras da minha sobrinha onde desde o começo do tratamento venho reparado em uma melhora absoluta, por exemplo desde que começou a ir para a escola, ela está ficando menos hiperativa, ela consegue esperar sua vez nas coisas, melhorou sua agressividade que era muito grande consigo mesma, está mais concentrada e olha no nosso rosto coisa que ela não fazia de jeito nenhum.

## REFERÊNCIAS

- BRITES, Luciana. **Crianças com TDAH podem ter outros transtornos associados?** 2022. Disponível em: <https://institutoneurosaber.com.br/artigos/criancas-com-tdah-podem-ter-outros-transtornos-associados-2/>. Acesso em: 06 de outubro de 2023.
- CUNHA, Rosemyrian; BEGGIATO, Sheila. **O que é musicoterapia?** 2024. Disponível em: <https://ubammusicoterapia.com.br/institucional/musicoterapia/definicao/>. Acesso em: 04 de setembro de 2024.
- JUNIOR, Carlos Alberto Mendes. **O uso da musicoterapia no desenvolvimento de criança com transtorno do espectro autista**. Rio de Janeiro: EPSJV-Fiocruz, 2022. Disponível em: <https://docs.google.com/document/d/1FRucDCDETwskwPnj2fIHvyYnT3OfN2tp17IFp0FmvUk/edit?usp=sharing>. Acesso em: 23 de novembro de 2024.
- MOREIRA, Hélio. **Descobrimo a musicoterapia**. 2016. Disponível em: <https://musicasemlimites.com/Descobrimo-a-musicoterapia/>. Acesso em: 04 de setembro de 2024.
- OLIVEIRA, Dayane Regina Silva. **A colaboração da educação musical para crianças com transtorno e déficit de atenção e hiperatividade**. Maceió, 2020. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/7469/1/A%20colabora%C3%A7%C3%A3o%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20musical%20para%20crian%C3%A7as%20com%20transtorno%20e%20d%C3%A9ficit%20de%20aten%C3%A7%C3%A3o%20e%20hiperatividade%20%28TDAH%29.pdf>. Acesso em: 27 de agosto de 2024.
- OLIVEIRA, Clara Costa; GOMES, Ana. **Breve história da musicoterapia, suas conceituações e práticas**. Portugal, 2015. Disponível em:

<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/39982/3/S%20livro%20SPCE%202015%20PCE2%20EIXOS%20BOOK%20CC%20%282%29.pdf>. Acesso em: 27 de agosto de 2024.

PARIZZI, Maria et al. **Relações entre a educação musical especial e o desenvolvimento da comunicação social em crianças autistas**. Minas Gerais, v. 30, n. 2. Disponível em:

[https://docs.google.com/document/d/1xtl\\_pYq1A37WVPL-](https://docs.google.com/document/d/1xtl_pYq1A37WVPL-)

[l6ks6tL9z0r6VFCcpqAJ9iILGMU/edit?usp=sharing](https://docs.google.com/document/d/1xtl_pYq1A37WVPL-l6ks6tL9z0r6VFCcpqAJ9iILGMU/edit?usp=sharing). Acesso em: 14 de junho de 2024.

PRÓ-VIDA. **Musicoterapia: o que é? Para que serve, como funciona e benefícios**. Site do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios, 2018. Disponível em:

<https://www.tjdft.jus.br/informacoes/programas-projetos-e-acoes-pro-vida/dicas-de-saude/pilulas-de-saude/musicoterapia-o-que-e-para-que-serve-como-funciona-e-beneficios#:~:text=O%20que%20%C3%A9%20musicoterapia%3F,se%20relacionar%20dos%20seus%20pacientes>. Acesso em: 15 de setembro de 2024.

PIAZZI, Marília Seno. **Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH): o que os educadores sabem?** São Paulo: Rev. Psicopedag., v. 27, n. 84, 2010. Disponível em:

[https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862010000300003](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862010000300003). Acesso em: 15 de setembro de 2024.

RIBAS, Solange; COLI, Talita; SILVA, Yara; Catelan-Mainardes, Sandra. **O uso da musicoterapia como possibilidade de tratamento do TDAH: uma revisão bibliográfica**.

Maringá: Unicesumar, 2023. Disponível em:

<https://rdu.unicesumar.edu.br/bitstream/123456789/1619/1/epcc--80446.pdf>. Acesso em: 15 de setembro de 2024.

RIBEIRO, R. **O que é musicoterapia?** 2018. Disponível em:

<https://ubammusicoterapia.com.br/institucional/musicoterapia/definicao/>. Acesso em: 04 de setembro de 2024.

SANTOS, Matheus et al. **Musicoterapia em crianças com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade**. Umuarama, v. 26, n. 3, 2022. Disponível em:

<https://acrobat.adobe.com/link/review?uri=urn:aaid:scds:US:f3bca5b3-2aaf-3be4-b967-154c7b01ebd0>. Acesso em: 04 de setembro de 2024.

SOUSA, Cristian. **A música como ferramenta pedagógica na atenção à criança com TDAH: uma revisão de literatura**. Maracatú, 2022. Disponível em:

<https://ojs.musica.ufrr.br/emi/article/view/83/93>. Acesso em: 04 de setembro de 2024.

SILVA, B. B. A. **Mentes inquietas**. São Paulo: Editora Gente, 2003. Disponível em:

<https://docs.google.com/document/d/1i134f1LMBhNPKky8aHmVqRqSYMx72qpUqFNVxYsnSU8/edit?tab=t.0>. Acesso em: 22 de outubro de 2024.

**WHITAKER, Robert**. *Anatomia de uma epidemia: pilulas mágicas, drogas psiquiátricas e aumento assombroso da doença mental*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2017. p. 63.

